

Cyrano de Bergerac

Edmond Rostand

PERSONAGENS [1o. Ato]

Cristiano de Neuville

Lignière, cantor popular

Cuigy

Brissaille

Uma garçõnete

Ragueneau, confeitiro

Le Bret

Roxana

Aia

Conde de Guiche

Visconde de Valvert

Bajuladores

Um gatuno

Montfleury, ator

Cyrano de Bergerac

Um marquês

Bellerose, ator

Um jovem

Um velho burguês

As preciosas

Um importuno

D=Artagnan

Nobres, militares, religiosos, intelectuais, comerciantes, soldados, mosqueteiros,

burgueses, lacaios, pajens, artistas, crianças, gatunos, atores, músicos, espectadores, oficiais, etc.

ATO I

Uma representação no Teatro do Paço de Borgonha. Paris, 1640.

O espectador vê: o palco, ainda com as cortinas fechadas e luzes apagadas; duas ordens de galerias laterais, a superior dividida em camarotes e a platéia, inferior, sem assentos; ao fundo desta platéia uma espécie de bar; sobre a grande porta de entrada, um cartaz com a seguinte legenda: >A Clorisa=.

CENA 1

O público começa a entrar. Nos camarotes acomodam-se nobres, militares, religiosos, intelectuais, comerciantes, personalidades importantes da sociedade parisiense. Na platéia, de onde muitas vezes se assiste ao espetáculo em pé, acomodam-se soldados, mosqueteiros, burgueses, lacaios, pajens, artistas, crianças, gatunos e outros espectadores menos ilustres. Enquanto esperam o início do espetáculo, fazem grande tumulto na platéia: uns jogam cartas, outros cortejam raparigas, mosqueteiros exercitam-se na esgrima, do bar ouvem-se anúncios de lanches e bebidas.

Chegam à platéia Lignière e Cristiano de Neuville, de braços dados. Lignière, cantor e boêmio, é um pouco desleixado no vestir. Cristiano veste-se elegantemente, porém um tanto fora de moda; olha preocupadamente para os camarotes. Depois Cuigy, Brissaille, Ragueneau e Le Bret.

LIGNIÈRE- *(também olhando para os camarotes)* Meu caro Cristiano, já esperei demais. Sua dama não vem...

CRISTIANO- Não, por favor, espere! Só você pode me dizer quem é aquela por quem morro de amores. Você conhece todo mundo em Paris!

LIGNIÈRE- Não posso ficar mais, devo satisfazer meu vício: meus amigos estão me esperando num café aqui perto...

(Enquanto caminhavam em direção à saída, chegam dois conhecidos de Lignière.)

CUIGY- Lignière! Você por aqui?

LIGNIÈRE- *(voltando-se para Cristiano)* Quero apresentar-lhe a estes senhores, Cuigy e Brissaille. Senhores, este é Cristiano, barão de Neuville.

CRISTIANO- *(inclinando-se)* Muito prazer.

CUIGY- *(para Brissaille)* Um belo rapaz, mas não tem muito gosto para se vestir...

LIGNIÈRE- Cristiano acaba de chegar de Touraine.

CRISTIANO- Sim, estou aqui há vinte dias e amanhã serei incorporado à Guarda de Paris, como cadete.

CUIGY- *(olhando para os camarotes)* Olhem quanta gente importante reunida hoje neste teatro! Ali está a marquesa de Aubry!

BRISSAILLE- E acolá a senhora de Chavigny!

CUIGY- O grande escritor Corneille, que veio de Ruão!

BRISSAILLE- E tantos membros da Academia Francesa... e também muitas Apreciosas@ da nossa sociedade! Bartenósia, Cassandácia, Felixéria...

LIGNIÈRE- *(à parte, para Cristiano)* Meu amigo, acho que ela não vem mesmo. Tenho que ir, esperam-me no café.

CRISTIANO- Por favor, você precisa me ajudar. Vamos tomar alguma coisa por aqui... *(aproximam-se do bar do teatro)* Por favor, senhorita, dois copos de vinho. Sabe, Lignière, eu receio que ela seja muito refinada. Não tenho coragem de falar-lhe, pois não sei me expressar bem, falta-me talento para o estilo rebuscado de hoje em dia... Sou apenas um soldado tímido.

(A orquestra, que entrara aos poucos, começa a afinar os instrumentos.)

Entra outro amigo de Lignière.)

LIGNIÈRE- Ragueneau!

RAGUENEAU- Salve, Lignière! Você viu Cyrano por aí?

LIGNIÈRE- *(a Cristiano)* Este é Ragueneau, o famoso confeitoiro dos artistas e poetas!

CRISTIANO- Muito prazer.

RAGUENEAU- Muito prazer.

LIGNIÈRE- Amante das artes e da poesia, faz versos tão bons quanto doces, tortas e pastéis!

RAGUENEAU- Quantas honras... obrigado. Mas, afinal, vocês não viram Cyrano? É estranho que ele ainda não tenha chegado...

LIGNIÈRE- Por quê?

RAGUENEAU- Porque o ator Montfleury vai apresentar-se hoje.

LIGNIÈRE- Eu sei. É a estréia da *Clorisa*, de Balthazar Baro, e o grande Montfleury faz o papel principal. Mas o que isso tem a ver com Cyrano?

RAGUENEAU- Tem muito! Você não sabe que Cyrano detesta Montfleury e o proibiu de aparecer no palco durante um mês?

CRISTIANO- E quem é Cyrano?

LIGNIÈRE- Um cadete da Guarda, excelente espadachim... Aí vem alguém que pode lhe falar sobre Cyrano de Bergerac...

(Entra Le Bret.)

Olá, Le Bret! Você também está procurando Cyrano?

LE BRET- Sim, e confesso estar bastante preocupado...

CRISTIANO- Mas afinal o que tem esse Cyrano de tão extraordinário?

LE BRET- Ele é o mais original dos seres sobre a face da Terra!

RAGUENEAU- É poeta, escritor...

LIGNIÈRE- Amante de música e teatro...

LE BRET- Muito valente...

LIGNIÈRE- E tem um aspecto bem esquisito!

RAGUENEAU- (*improvisando versos*)

Pintor algum jamais desenhará
perfil semelhante ao de Bergerac;
mais bizarro, excessivo, extravagante,
grotesco, caricato e petulante!
Penacho no chapéu, capa e espada,
corajoso, não perde uma estocada!¹
Fingindo um rabo de galo insolente²
se empina e enfrenta todos o valente!
Exímio espadachim, consigo porta
uma crista esquisita, rubra, torta...
Um nariz! Mas que penca gigantesca,
feia, disforme, polichinelesca!³
Todos que vêem um narigudo tal
pensam: A Meu Deus, que hipóbole⁴ nasal!
Não seria melhor tirá-lo? @ Engano!
Jamais o tira o intrépido⁵ Cyrano!

LE BRET- E aí de quem reparar! Terá de enfrentar a sua espada...

LIGNIÈRE- Acho que ele não vem.

RAGUENEAU- Aposto uma bela torta... como virá!

¹*Estocada*: golpe com a ponta da espada.

²*Insolente*: desrespeitoso, arrogante.

³*Polichinelesco*: relativo a Polichinelo, personagem caracterizado pelo enorme nariz, pela corcunda, pela barriga, pelas vestes multicoloridas e pela fala esganiçada, típico do teatro medieval italiano ou *commedia dell'arte*.

⁴*Hipóbole*: excesso, exagero.

⁵*Intrépido*: destemido, corajoso.

(Murmúrio de admiração no teatro: Roxana entra no camarote, seguida por sua aia.)

CRISTIANO- *(para Lignière)* É ela!

LIGNIÈRE- Ah, é aquela?

CRISTIANO- Sim, tremo de emoção! Diga-me depressa: quem é ela?

LIGNIÈRE- Madeleine Robin, conhecida como Roxana. Solteira, órfã desde menina. É prima de Bergerac. E é uma Apreciosa@: dama da sociedade, de modos refinados e linguagem rebuscada...

(Entra um elegante fidalgo no camarote de Roxana e a cumprimenta.)

CRISTIANO- *(estremecendo)* E aquele homem, quem é?

LIGNIÈRE- É o conde de Guiche, sobrinho de nosso governante máximo, o cardeal Richelieu. É casado, trinta anos mais velho do que ela e faz-lhe a corte. Quer que Roxana se case com um protegido seu, o visconde de Valvert. Ela não quer, mas o conde é poderoso e tem meios de influenciar uma jovem burguesa. Eu compus uma canção denunciando seus abusos e por isso ele me odeia... O final é terrível! Quer ouvi-la?

CRISTIANO- Não, obrigado. Já vou indo...

LIGNIÈRE- Mas aonde você vai?

CRISTIANO- Vou falar com esse Valvert!

LIGNIÈRE- Você está louco? Ele pode matá-lo! *(aponta Roxana com o olhar)*
Veja, você está sendo contemplado lá de cima...

(Cristiano encontra o olhar de Roxana e fica paralisado.)

Agora sou eu quem vai embora. Adeus! A embriaguez me aguarda.

(Sai.)

CENA 2

Os mesmos, menos Lignière. Depois Montfleury.

(De Guiche desce do camarote de Roxana, seguido por uma comitiva de bajuladores, entre os quais Valvert. Cristiano tentava ver para onde se dirigiam, quando percebe que alguém está querendo enfiar a mão em seu bolso.)

CRISTIANO- Ei! O que está fazendo aí?

O GATUNO- Procurava uma luva...

CRISTIANO- *(agarrando-o)* Eu acabo com você, seu bandido!

O GATUNO- Não, por favor, solte-me! Em troca, posso contar-lhe uma coisa importante...

CRISTIANO- *(continuando a segurá-lo)* Não quero saber!

O GATUNO- É sobre seu amigo Lignière...

CRISTIANO- O que tem ele?

O GATUNO- Corre sério perigo. Um nobre importante resolveu vingar-se dele, por causa de uma canção. E preparou-lhe uma emboscada: cem homens o esperarão esta noite junto aos muros de Paris, perto da Porta de Nesle. É melhor preveni-lo...

CRISTIANO- *(largando-o)* Mas... onde encontrá-lo?

O GATUNO- Ora, basta percorrer os cabarés da vizinhança que acabará encontrando-o... senão deixe-lhe ao menos um bilhete.

CRISTIANO- *(olhando para Roxana)* Adeus! Lignière será salvo!

(Sai às pressas.)

(A platéia, já repleta, começa a reclamar do atraso. Correm murmúrios de que

o cardeal Armand de Richelieu acabara de entrar em seu camarote. O som de três pancadas anuncia que o espetáculo vai começar. Faz-se silêncio.

Abrem-se as cortinas ao som de violinos.)

LE BRET- *(em voz baixa, para Ragueneau)* E Cyrano não veio mesmo...

RAGUENEAU- Perdi a aposta!

(Entra em cena o ator Montfleury, vestido de pastor. Aplausos.)

MONTFLEURY- *(após cumprimentar o público)* AFeliz aquele que, num lugar solitário, longe da Corte, num exílio voluntário...@

UMA VOZ- *(no meio da platéia)* Patife! Sai de cena! Eu não proibi você de pisar no palco por trinta dias?

(Murmúrios de espanto geral.)

RAGUENEAU- *(para Le Bret)* É Cyrano!

MONTFLEURY- *(desconcertado)* AFeliz aquele que, num lugar solitário...@

A VOZ- Fora!

(Vozes na platéia e nos camarotes protestam, indignadas.)

MONTFLEURY- *(cada vez mais fraco)* AFeliz aquele que...@

CYRANO- *(surgindo em meio à platéia, de pé sobre uma cadeira, com seu uniforme de cadete e braços cruzados)* Desça daí, velhaco! Estou começando a me zangar!

(Sensação na platéia.)

CENA 3

Os mesmos, Cyrano, depois Bellerose, de Guiche, Valvert.

(Os espectadores continuam a reclamar.)

UM MARQUÊS- O espetáculo precisa continuar!

MONTFLEURY- *(aos nobres dos camarotes)* Senhores, ajudem-me!

O MARQUÊS- Vamos, Montfleury, prossiga!

MONTFLEURY- Feliz aquele...@

CYRANO- É melhor parar agora, pançudo! Ou terei que detê-lo à força?

O MARQUÊS- Avante, Montfleury!

CYRANO- Se não for embora, acabará sem tripas e sem orelhas!

MONTFLEURY- Eu...

(O público continua a protestar, pedindo que o ator prossiga.)

CYRANO- *(para o público que grita a seu redor)* Tenham pena de minha espada!

Se continuarem, ela terá que trabalhar! *(para Montfleury)* Fora! *(outra vez para o público, em tom de ameaça)* Eu os convido a ficar calados! Caso

contrário, os desafio! Estão abertas as inscrições: quem quer se bater comigo?

Venham, coragem! O senhor, cavalheiro? O senhor ali? Ninguém se habilita?

(Silêncio.)

Vou bater palmas três vezes. Se na terceira o monstro ainda estiver sobre o palco, adeus! Uma... Duas...

MONTFLEURY- Eu...

CYRANO- Três!

(Montfleury desaparece como por encanto. Na platéia e nos camarotes, uma

tempestade de risadas, vaias e assobios.)

CYRANO- *(encostando-se na cadeira e cruzando as pernas)* Vamos ver se tem a coragem de voltar.

(Surge no palco um outro famoso ator, Bellerose.)

BELLEROSE- Senhoras e senhores, vim aqui para explicar que o ator que tanto admiram, Montfleury, sentiu-se mal... e teve que se retirar.

(Novas risadas e vaias do público.)

UM JOVEM- *(a Cyrano)* Mas afinal por que o senhor odeia tanto Montfleury?

CYRANO- *(em tom gracioso)* Ora, por duas razões. Primeiro porque ele é um péssimo ator. Segundo porque... não posso dizer: motivo particular.

UM VELHO BURGUEÊS- *(intrrometendo-se na conversa)* Então por um mero capricho o senhor nos priva de ver a *Clorisa*. Eu me pergunto...

CYRANO- Mula velha! Os versos de Baro valem menos do que zero. Eu os interrompo sem remorso!

AS PRECIOSAS- *(nos camarotes)* Oh, que horror! Que absurdo! O nosso Baro! Você ouviu isso, querida?

CYRANO- *(para os camarotes)* Floresçam! Brilhem! Sejam inspiração para nossos versos, mas não os julguem!

BELLEROSE- E o dinheiro das entradas? Agora teremos que devolver...

CYRANO- Você disse algo inteligente, Bellerose. *(ergue-se e atira uma bolsa ao palco)* Pegue isso e cale a boca! Acho que será suficiente.

BELLEROSE- *(pegando a bolsa)* Por este preço, o senhor está convidado a interromper a *Clorisa* todas as noites! *(para o público)* Senhores, o espetáculo está encerrado. Evacuem a sala!

(O público começa a retirar-se da platéia e dos camarotes, mas detém-se ao ouvir a cena seguinte e volta a seus lugares.)

UM ESPECTADOR IMPORTUNO- *(aproximando-se de Cyrano)* Onde já se viu fazer uma coisa dessas com o grande Montfleury... Que escândalo! Sabia que ele é protegido do duque de Candale? E o senhor, tem algum protetor?

CYRANO- Não.

O IMPORTUNO- Então, terá que fugir da cidade...

CYRANO- De jeito nenhum.

O IMPORTUNO- Olha que o duque de Candale tem o braço longo...

CYRANO- Mas não tanto quanto o meu... *(mostra-lhe a espada)* quando uso esta extensão!

O IMPORTUNO- O senhor não pretende...

CYRANO- Pretendo, sim.

O IMPORTUNO- Mas...

CYRANO- Desapareça já daqui... ou diga-me: por que está olhando para o meu nariz?

O IMPORTUNO- Mas não estou...

CYRANO- *(avançando na direção dele)* Está, sim. O que tem ele de mais? Alguma verruga na ponta? Alguma mosca pousada em cima? Algum fenômeno?

O IMPORTUNO- *(recuando)* Mas eu não estou olhando...

CYRANO- E por que não está olhando? Será que lhe desagrada a cor de minha pele? Ou talvez meu nariz... tem forma obscena? Ou quem sabe o senhor o acha um pouco grande demais?

O IMPORTUNO- *(balbuciando)* Não, senhor, ao contrário... É até pequeno... Minúsculo!

CYRANO- Como? Resolveu expor-me ao ridículo? Pequeno, meu nariz?!

O IMPORTUNO- Ai!

CYRANO- *(improvisando versos)*

Alto lá! Atenção ao meu nariz!
Adunco,⁶ sinuoso,⁷ colossal,⁸
muito me orgulha semelhante apêndice,
pois de um homem com nariz grande entende-se
que é bom, polido, afável,⁹ liberal,
espirituoso e intrépido, tal qual
eu sou...

(Dá-lhe uma bofetada. O importuno sai correndo.)

DE GUICHE- *(que desceu para a platéia com seu séqüito)* Este sujeito já está abusando!

VALVERT- *(dando de ombros)* É apenas um fanfarrão.

DE GUICHE- E ninguém se opõe?

VALVERT- Eu! *(dirige-se a Cyrano)* O senhor tem um nariz... um nariz... muito grande.

CYRANO- É mesmo.

(Valvert, amedrontado, apenas sorri.)

É tudo o que tinha para me dizer?

(Valvert gagueja. Cyrano continua, improvisando versos.)

Isso é breve e não tem graça nenhuma,
poder-se-ia dizer tanto, em suma!...

⁶*Adunco*: recurvado, em forma de gancho.

⁷*Sinuoso*: tortuoso.

⁸*Colossal*: enorme.

⁹*Afável*: cortês, agradável.

...variando o tom de voz, preste atenção:
AGRESSIVO: ATamanho narigão,
se fosse meu, lhe apararia o topo!@
CORTÊS: AEle vai mergulhar no copo,
Prefira um jarro para beber melhor.@
DESCRITIVO: AÉ um rochedo! Não, maior!
É um monte! Não, é o Novo Continente!@
CURIOSO: AO que faz com tal recipiente?
Serão tinteiro as suas fossas nasais?@
GRACIOSO: AAdora as aves matinais
a ponto de dar, bondoso e fagueiro,¹⁰
aos seus delicados pés um poleiro?@
TRUCULENTO: ASe, como um aprendiz,
a fumaça soltar pelo nariz,
parecerá uma chaminé que arde.@
PREVIDENTE: AA cabeça que se guarde!
O peso pode dar-lhe um trambolhão!@
TERNO: AOnha-lhe um toldo, um pavilhão,
senão, talvez a luz do sol empane-o.¹¹@
PEDANTE: ASó o monstro Aristofâneo,¹²

¹⁰*Fagueiro*: contente, satisfeito.

¹¹*Empanar*: escurecer.

¹²*Aristofâneo*: relativo a Aristófanes, comediógrafo grego do século V a.C.

>Hipoefantocamelo=¹³ afinal,
teve tamanho apêndice nasal.@
CAVALHEIRO: AIsso é um gancho de mau gosto?
Pendure um chapéu: ficará bem posto!@
EMPOLADO: ASó um vento pampeiro
poderá, nariz, constipar-te¹⁴ inteiro!@
TRÁGICO: AÉ o Mar Vermelho quando sangra!@
PASMADO: AChamariz de bugiganga!@
LÍRICO: AÉ a concha da deusa Afrodite?@
RESPEITOSO: AUm monumento, acredite!@
RUDE: ACaramba! Isso é nariz de sobra:
mais parece uma couve... ou uma abóbora.@
MILITAR: AApontar! Cavalaria!@
PRÁTICO: AApostá-lo na loteria?@
Vai ser a sorte grande, certamente.@
E, para encerrar com versos plangentes:¹⁵
ANariz fatal, que aos traços do senhor
tolhe a harmonia. E cora de pudor!@
Eis, meu caro, o que diria, a contento,
se pudesse dispor de algum talento
ou conhecesse as finas letras, porém
logo se vê que talento não tem...
E letras, só as da palavra *tolo!*
Mas, se tivesse um pouco de miolo,

¹³*Hipoefantocamelo*: palavra criada para designar um monstro fabuloso, em parte cavalo, em parte elefante, em parte camelo.

¹⁴*Constipar*: resfriar.

¹⁵*Plangente*: triste.

para dizer, perante este auditório,
um gracejo, tornando-me irrisório¹⁶ S
mas não teria dito nem metade
de um verso S pois, para falar a verdade,
de mim aceito uma pilhéria boa,
mas não o aceitarei de outra pessoa.

DE GUICHE- (*tentando afastar Valvert*) Deixe disso, visconde. Vamos embora.

VALVERT- (*indignado*) Que audácia! Um roceiro que não tem nem luvas... com toda esta arrogância!

CYRANO- Minha elegância está na moral. Enfeitar-me não sei; mas nunca saio sem lavar minha honra.

VALVERT- Ridículo! Palhaço! Insolente! Bruto!

CYRANO- (*tirando o chapéu e fazendo uma mesura*) ...E eu, Cyrano Saviniano Hércules de Bergerac.

(*Risadas.*)

VALVERT- Seu... seu poeta!

CYRANO- Sim, poeta. E, durante o combate, vou compor uma balada em sua homenagem.

VALVERT- Balada?

CYRANO- Não sabe o que vem a ser uma balada? É uma composição com três estrofes de oito versos e uma quadra final, com a dedicatória. E saiba que, no último verso, eu o tocarei com minha espada. (*ergue a espada e declama*) Balada composta no Paço de Borgonha por Cyrano de Bergerac em luta com um patife!

VALVERT- (*furioso*) E isso o que é?

¹⁶*Irrisório*: motivo de riso.

CYRANO- É o título. E agora, ao combate!

*(A multidão disputa lugares para ver melhor. Nos camarotes,
as mulheres ficam de pé.)*

CYRANO- *(vai dizendo e fazendo)*

Com graça o meu feltro¹⁷ arrojo¹⁸
E, lentamente e gentil,
Deste manto me despojo
Desprendendo a espada hostil.
Tímido, porém com brio,¹⁹
Com destreza eu me desloco;
E já o previno, imbecil,
Que ao fim da quadra eu o toco.

(Começam a bater-se com a espada.)

Mas a espada onde é que alojo?
Será que no seu quadril?
Ou no peito, em que me enojo
De ver a fita de anil?²⁰
Tilinta-me a espada febril,
Gira a ponta como um floco...

¹⁷*Feltro*: chapéu.

¹⁸*Arrojar*: lançar.

¹⁹*Brio*: valentia.

²⁰*Fita de anil*: fita azul (em francês: *cordon bleu*), símbolo da mais ilustre ordem de cavaleiros da França.

É na barriga servil
Que ao fim da quadra eu o toco.

Preciso de rima em *ojo*:
Você me ataca incivil?
Lembra-me o grosseiro tojo!²¹
Tac! Eu vejo o vosso ardil²²
E paro o bote, reptil;
Abro a linha, cubro o foco.
Volte, rafeiro,²³ ao canil,
Que ao fim da quadra eu o toco.

(Solenemente declama a dedicatória.)

De vida resta-lhe um fio:
Todos os santos invoco!
Príncipe, adeus! *(ferindo-o)* Morte ao vil!

(Valvert cambaleia; Cyrano saúda.)

Ao fim da quadra eu o toco.

(Aplausos e aclamações de todas as partes do teatro. Flores e lenços chovem dos camarotes. Ragueneau e Le Bret dançam de alegria. Os amigos do visconde de Valvert amparam-no e levam-no.)

²¹*Tojo*: tipo de arbusto espinhoso.

²²*Ardil*: artimanha.

²³*Rafeiro*: cão de guarda.

UM MOSQUETEIRO- *(vivamente, para Cyrano)* Permita-me cumprimentá-lo!
Foi um belo combate. Eu também entendo um pouco de esgrima...

(Afasta-se.)

CYRANO- *(para Cuigy)* Quem é ele?

CUIGY- É D=Artagnan, um dos três mosqueteiros.

(O público começa a retirar-se.)

BELLEROSE- Agora vamos jantar. Depois, voltamos para ensaiar a peça de amanhã. Outra peça... é claro!

(Saem Bellerose e demais atores e músicos.)

LE BRET- *(tomando Cyrano pelo braço)* Vamos comemorar!

CYRANO- Eu, não!

LE BRET- Por quê?

CYRANO- *(aflito)* Porque... estou sem dinheiro.

LE BRET- Mas... e aquela bolsa cheia de moedas que você atirou ao palco?

CYRANO- Era a pensão que meu pai me enviara para o mês inteiro. Veja você, durou só um dia!

A GARÇONETE- *(que escutara a conversa por trás do balcão)* Desculpe-me, senhor, mas... não suportaria vê-lo passando fome. O que deseja comer?

CYRANO- Agradeço imensamente, senhorita, e apesar de meu orgulho vou aceitar... um copo d=água, uma uva e meia porção de macarrão.

(A garçonete quer dar-lhe um cacho de uvas; ele recusa.)

Uma só, por favor!

A GARÇONETE- Não quer mais nada?

CYRANO- Uma coisa: beijar sua mão.

(Beija-lhe a mão como se fosse de uma princesa.)

A GARÇONETE- *(fazendo uma reverência)* Obrigada, senhor. Boa noite.

(Sai.)

CENA 4

Bar do teatro.

Cyrano, Le Bret, depois a aia de Roxana.

CYRANO- *(pegando o prato de macarrão)* Jantar! *(...o copo d=água)* Bebida!
(...a uva) Fruta! *(comendo)* Que fome!

LE BRET- *(rindo)* Você é louco! Mas afinal, qual a razão secreta do seu ódio a Montfleury?

CYRANO- Aquele barrigudo, além de gaguejar em cena, faz-se passar por conquistador. Detesto-o desde o dia em que ousou pousar seus olhos sobre... sobre aquela a quem adoro.

LE BRET- Quem?

CYRANO- A mais bela... doce... esplêndida... divina...

LE BRET- Madeleine Robin, sua prima!

CYRANO- Sim, amo Roxana.

LE BRET- Então você deve declarar-se a ela! Aproveite a oportunidade, porque esta noite Roxana deve ter ficado impressionada com você...

CYRANO- Olhe para mim, Le Bret... Como acha que me sinto com esta protuberância em meu rosto? Como poderia me aproximar de uma mulher? Às vezes me sinto tão solitário...

LE BRET- Você está chorando?

CYRANO- Isso nunca! Nunca permitirei que uma lágrima escorra sobre este nariz. As lágrimas são de uma beleza sublime, eu não as submeteria a esse ridículo...

(Entra a aia de Roxana.)

AIA- *(para Cyrano)* Minha senhora deseja falar-lhe com urgência.

CYRANO- Comigo?!

AIA- Amanhã, após a missa matinal. Onde?

CYRANO- (*emocionado*) Na confeitaria de Ragueneau, que fica na rua de Saint-Honoré.

AIA- Às onze horas. Não falte!

(*Sai.*)

CENA 5

Ainda no bar do teatro.

Cyrano, Le Bret, depois Cuigy, Brissaille, Lignière e oficiais.

CYRANO- *(caindo nos braços de Le Bret)* Um encontro!... Então ela sabe que eu vivo! De agora em diante nada mais me interessa!

LE BRET- Ao menos trate de estar mais tranqüilo!

CYRANO- Ao contrário: se preciso for, estou pronto a enfrentar gigantes!

(Entram atores e músicos e, no fundo do palco, começam a ensaiar.

Entram Cuigy, Brissaille e outros oficiais, trazendo Lignière completamente embriagado.)

CUIGY- Cyrano? Lignière o está procurando...

CYRANO- O que há?

BRISSAILLE- Ele precisa de você... para voltar para casa.

CYRANO- Como assim?

LIGNIÈRE- *(mostrando um bilhete amarrotado)* Diz aqui... Acem homens... na Porta de Nesle...@ por causa da canção...

CYRANO- Cem homens!?! *(levantando-se)* Lutarei contra todos, mas sozinho! *(aos oficiais)* Não quero ajuda de ninguém. Vocês ficarão apenas assistindo... de longe! *(aos músicos)* Comecem a tocar! Vamos todos à Porta de Nesle!

TODOS- Vamos!

(Saem todos em cortejo, ao som dos violinos, com Lignière cambaleando à frente.)

CAI O PANO

